

## **DISTORÇÕES NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DOS ARQUITETOS**

\* Antonio Manoel N. Castelnou

\*\* Andréa Pereira Baxhix

Eduardo Hideo Suzuki

Elizabeth Saldanha Borsato

Maria Auxiliadora C. Landgraf

Roberto Mititaka Ikeda

### **RESUMO**

Este artigo tem como objetivo abordar alguns problemas sobre a formação de arquitetos, procurando soluções para a melhoria do Curso de Arquitetura e Urbanismo. Consiste basicamente de trabalhos realizados por alunos de Pós-Graduação do CESULON.

### **ABSTRACT**

The objective of this article is to approach some problems on the education of architects, in search of solutions to improve the undergraduate programme in Architecture And Urban Planning. It consist basically of worlss carried out by graduate students of CESULON.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino; Universidade; Profissão.

O ensino de arquitetura e urbanismo já foi enfocado por vários autores, que apontaram seus problemas e rascunharam quais seriam as mais urgentes soluções. Na tentativa de ampliar esta discussão, este trabalho procura contribuir com novas opiniões. Assim, apresentam-se na sequência, algumas considerações sobre o quadro geral de formação de arquitetos no país, embasando-se principalmente na experiência londrinense.

Acrescenta-se que, longe da profundidade que o assunto mereceria, este breve estudo procura salientar, de modo geral, as distorções acadêmicas mais objetivamente encontradas, procurando assim incentivar o interesse pela pesquisa nesta área. Ítens

---

\*Docente da área de Teoria e História da Arquitetura do Departamento de Arquitetura e Urbanismo do Centro de Estudos Superiores de Londrina - CESULON

\*\*Alunos do Curso de Especialização em Teoria e Ensino de Arquitetura e Urbanismo do CESULON

relacionados à postura docente, à organização curricular e ao perfil administrativo são aqui salientados, a fim de descrever um problema que carece de ações mais eficazes que o mero discurso ou intenção.

## INTRODUÇÃO

A instituição denominada Universidade encontra-se em um estado de degeneração, o que vem se refletindo na qualidade dos profissionais recém-formados que estão se lançando no mercado de trabalho. Em arquitetura, o que se pode constatar é que, na maioria dos casos brasileiros, estes profissionais vêm tendo uma formação de arquitetos-desenhistas, que consideram primordial satisfazer seu lado narcisista deixando de lado as questões práticas.

Há a necessidade de revisão dos métodos de ensino e de avaliação dos trabalhos desenvolvidos pelos alunos, uma vez que, na maioria das vezes, considera-se somente o desenho e os aspectos gráficos. Caso fosse feita a inserção destes trabalhos acadêmicos no contexto da realidade dificilmente estes teriam sucesso, pois são destituídos de considerações práticas, de ordem econômico-social. Sequer seria possível avaliar o quanto funcionariam ou se responderiam aos anseios dos usuários, como seriam mantidos ou se inter-relacionariam com a comunidade.

Se todo formador de profissionais em arquitetura partisse do princípio de que para todos os problemas existem soluções e fizesse com que seus alunos procurassem descobri-las, estaria estimulando um processo de pesquisa e de adequação prática, através do desenvolvimento de novas técnicas, aproveitamento de recursos locais e criação de uma consciência profissional.

No aspecto geral, a arquitetura vem apresentando uma queda na qualidade, devido ao avanço da mediocridade, onde o importante é que se tenha um resultado que não exija muito esforço. Para se conseguir transformar isto, é preciso uma revisão completa. Não é de hoje que se diz que a arquitetura necessita estar bem embasada teoricamente para que possa ser entendida, explicada e realizada.

Toda ação deve ser precedida de um processo de reflexão. É preciso resgatar nossa capacidade de discernimento, nossa história e nossa experiência. Se os conhecimentos que se tem não são suficientes, faz-se necessário buscar novas fontes. Um primeiro passo poderia ser a pesquisa de campo, o contato com a realidade, a compreensão da cidade e dos fatores que a transformam.

Os estudantes deveriam ser estimulados a se organizarem para desenvolver discussões e debates sobre arquitetura, o que está sendo produzido ou o que já está implantado. Deve-se questionar a melhoria dos sistemas em funcionamento, o completo aproveitamento de materiais e recursos, a adequação à região e ao meio ambiente. Talvez a faculdade não seja suficiente para promover este crescimento profissional, pois será necessário desenvolver uma certa sensibilidade de forma geral, um novo sentido das questões sociais e culturais do nosso país.

É na arquitetura que o mundo interior do homem se realiza e é somente estando em acordo com suas necessidades que esta passa a expressar e refletir uma realidade, seus conflitos e esperanças. Os arquitetos mal saem da escola e já começam a trabalhar



na busca do retorno do investimento feito em seus estudos. Muitas vezes são mal formados, o que faz com que seus repertórios facilmente se esgotem. São poucos que conseguem discernir suas falhas e qualidades, e muitos menos conseguem se estabelecer.

A arquitetura somente evolui a partir de sua reavaliação e esta evolução se dá pela prática. É possível uma prática apropriada independente de modismos ou idealizações irrealizáveis. Cabe ao professor e ao estudante de arquitetura refletir sobre seu universo, equacionar teoria e prática na sua formação e atuação profissional. As surpresas poderão ser muitas, pois como Nietzsche colocou, "diante da necessidade, todo idealismo é ilusão".

## O ENSINO MODERNISTA

No Brasil, os arquitetos formados pelas universidades na segunda metade do século tiveram influências, em sua formação, dos moldes estabelecidos pela Bauhaus, a escola alemã dos anos 20 que estabeleceu muitos parâmetros para o ensino contemporâneo da arquitetura. Tal influência propiciou duas entre suas principais características: o desencorajamento pelo estudo da história da arquitetura, o que atualmente se reflete na cultura arquitetônica de seus profissionais, e a noção utópica de que o arquiteto deve criar obras originais como uma imposição para o distanciamento de influências históricas.

A partir disto, houve uma descaracterização do ensino de arquitetura, que ilusoriamente não necessita nada mais que uma sala com pranchetas e "dom". A inexistência do arquiteto-educador como tradição levou ainda hoje a serem evocadas as relações entre mestre e aprendiz das culturas medievais. Um relacionamento que, segundo GRAMSCI (1978), "seria um diálogo cordial não fosse a subordinação do aprendiz ao mestre (o que sabe), que o avalia de maneira hipercrítica".

NIEMEYER (1978) atribuiu a Bernard Shaw a frase "quem sabe faz, quem não sabe ensina". Isto implica estabelecer que o professor é alguém que não sabe arquitetura e tal expressão acaba por valorizar o aluno e o "dom" de ser arquiteto. Logo, para ser professor é necessário reestabelecer sua prática sem o apoio de uma pedagogia, além de não se deixar destruir pelo fato de que ser professor significa não saber arquitetura.

Se não se ensina arquitetura, como os arquitetos aprendem? além do mais, tal posição determina a condição de que aos alunos é impedido "realizar arquitetura", uma vez que se julga ser um "dom" de que se é geneticamente portador. Assim, o que se faz numa escola de arquitetura? Escuta-se, quase sempre, a descrição do fazer arquitetura de cada um dos professores, pois as referências às obras são esmagadoras para alunos que não sabem e não podem e dificilmente terão oportunidade de realizá-las.

No que diz respeito ao aspecto construtivo, arquitetura é articulação, justaposição, encaixe e suporte de elementos e seus sistemas. Entretanto, estas disciplinas são delegadas a professores de outros cursos, geralmente engenheiros. Quanto às aulas teóricas e técnicas, são apenas fragmentos de especialidades.

Conforme GRAMSCI (1978), "um especialista conhece seu ofício não apenas

praticamente, mas também teoricamente". Ele não só pensa com maior rigor lógico, com maior coerência, com maior espírito de sistema do que os outros homens, como também conhece toda a história de sua especialidade.

O resultado destas distorções no processo de formação dos arquitetos aparece ainda condicionado pelo "dom" de ser arquiteto. Estabelece a crítica: diminuem-se a esperança e o encantamento com a profissão idealizada. Márcio Salvatori, ao prefaciá-lo livro "Architecture and People", escrito por Eugene Raskin em 1974, afirmava que "a arquitetura não pode ser ensinada realmente (e é por isso que não há boas escolas de arquitetura), mas a arquitetura pode ser aprendida (e é por isso que existem bons arquitetos)".

Se tomássemos como exemplo a disciplina de projeto, como seria possível a convivência num mesmo recinto de estudantes que querem aprender e docentes que não precisam ensinar, já que sua área de conhecimento não é ensinável?

A proposta de aulas com exercícios de treinamento da criatividade somente beneficia os alunos dotados de talento ou vocação, e que não dependem do professor, pois sua auto-suficiência os supre. Distó decorre a distorção segundo a qual o aluno que exige ensinamento de projeto não entendeu o "espírito da coisa".

Enfim, podemos colocar que nosso ensino de arquitetura tem procurado mesclar a Escola Nacional de Belas Artes com a Bauhaus, implantando uma proposta anti-acadêmica, porém, na prática, subexistindo um tradicionalismo acadêmico.

## OS PROFESSORES DE ARQUITETURA

A Teoria Funcionalista visava ultrapassar a arquitetura neoclássica derivada fundamentalmente do Renascimento e seu ensino; expresso pela Bauhaus alemã, foi utilizada pelo menos por três décadas. Como decorrência disto, podemos apontar quatro aspectos importantes: a ênfase na originalidade dos produtos do processo criativo; a eliminação quase que completa do ensino da história da arquitetura dos currículos universitários; a transmissão de um projeto que vincula a forma dos objetos somente aos seus aspectos internos (programa, estrutura) e que considera o sítio apenas em suas características internas, esquecendo-se do entorno e a divisão do ensino da arquitetura em duas áreas estagnadas - edificações e planejamento urbano - eliminando-se derivações intermediárias.

Como consequência deste tipo de ensino, dissolveu-se o contexto urbano tradicional, extinguindo-se a memória, a tradição e a história próprias da arte e do edifício da arquitetura. O academicismo, a ausência de pesquisa, a não-atualização e a falta do exercício constante provocaram, no ensino da arquitetura, a diferença entre o que se ensina e o que é necessário aprender, entre o modo de aprender e o modo de exercer, entre a faculdade e a realidade profissional.

O professor deve ser um arquiteto em pelo exercício profissional, em constante pesquisa e atualização, aprimorando sua visão e conceitos. Torna-se assim imprescindível ao professor uma boa formação e compreensão do que é e como se desenvolve o método arquitetônico.

Atualmente, situa-se o magistério como uma das atividades menos compensadoras profissionalmente, raras vezes levando a uma realização profissional ou a uma



resposta material condizente com sua importância e com uma dedicação necessária ao seu exercício consciente. Embasados nesta realidade, podemos enumerar três tipos de professores distantes do modelo aqui desejado:

Professor-profissional, que é aquele não formado em arquitetura, com dedicação exclusiva ao ensino de sua disciplina, que é obrigado a cumprir todo seu tempo sem dispor de algum para pesquisa ou atualização. Converte-se numa máquina de lecionar e reproduzir currículos;

Professor-arquiteto, que é aquele diplomado em arquitetura, exercendo a atividade do magistério conforme o tipo anterior, crescendo que seus conceitos, métodos e conhecimentos de arquitetura se estagnaram quando se diplomou ou quando deixou de exercer a profissão para dedicar-se exclusivamente ao ensino;

Arquiteto-professor, que é aquele também diplomado em arquitetura mas não o mestre ideal, pois sua atividade como professor é apenas um recurso para aumentar sua renda, e que, pela baixa remuneração, acaba levando o magistério para o patamar de atividade de segundo plano, sem a mínima motivação profissional.

Na verdade, necessitamos de professores de arquitetura que exerçam a função de mestres, arquitetos mais experientes que ensinam, atuando como agentes libertadores e estimuladores da criatividade dos arquitetos menos experientes. Enfim, indivíduos que se encaminhem a estudos teóricos e práticos imprescindíveis à formação e ao exercício do pensamento arquitetônico.

Para tanto, é necessário que tal função libertadora e estimuladora aconteça sob condições favoráveis, como de remuneração satisfatória, que permita e incentive a dedicação integral ao ensino; de realização profissional com o arquiteto; de afirmação social como autoridade reconhecida e de relacionamento profissional com os vários elementos constituintes da sociedade, inclusive com outras categorias e especialidades profissionais, camadas sociais e quadros políticos. De modo geral, o professor de arquitetura ideal deve ter em mente que o papel do ensino é precisamente o de converter inocência em capacidade, inexperiência em competência.

## A INTEGRAÇÃO DE DISCIPLINAS

Outro fator que está relacionado à distorção na formação de arquitetos refere-se à falta de integração interdisciplinar. A atual subdivisão dos currículos em três áreas - ~~teoria, tecnologia e projetos~~ -, que se encontram em distintos departamentos e são ministradas por diferentes profissionais (engenheiros, historiadores, matemáticos, etc.) tem dificultado o relacionamento entre as disciplinas, prejudicando a integração do ensino como um todo, das disciplinas com a própria prática.

O ensino acaba limitado às questões objetivas, deixando de lado o potencial crítico e analítico do aluno. Sem o raciocínio e a visão prática, o estudante acaba por desconhecer as verdadeiras condições de seus projetos estarem satisfazendo os propósitos que deveriam. Tal fato tem produzido um círculo vicioso nos meios acadêmicos, onde o ensino limita a visão do profissional que, por sua vez, virá reproduzir os mesmos erros quando dedicar-se à atividade de ensino.

A dificuldade de integração também é enfrentada dentro de cada departamento,

na sequência das disciplinas, muitas vezes ministradas por vários docentes, sem um estudo seriamente organizado, promovendo interrupções, repetições e ausências. A descoordenação das atividades docentes acaba por fazer com que cada disciplina seja algo novo e isolado, sem haver qualquer continuidade ou referência. Em vez de se construir uma base sólida na formação do arquiteto, o ensino fica solto e perdido, o que pode e geralmente acarreta desmotivação.

A própria estrutura física das faculdade também contribui para a desintegração curricular e a desordenação de conteúdo e práticas. A falta de boas bibliotecas, adequados laboratórios de pesquisa, espaçosas áreas de exposição, satisfatórios auditórios para palestras e salas de aula limitam qualquer iniciativa de melhoria do sistema.

O resultado deste quadro é a carência de trabalhos de pesquisa e de extensão, com a participação de alunos orientados por professores desenvolvendo trabalhos direcionados à comunidade. Perde-se assim a oportunidade de sair da órbita da utopia para ingressar no ambiente da realidade, além de ingressar na atividade de produtor de conhecimento, ao invés de mero usuário.

Paralelamente a isto, é de igual importância a divulgação através de publicação, exposição e discussão, das experiências acadêmicas das diversas escolas de arquitetura, que não são concorrentes, mas pelo contrário colaboradoras. Somente através da troca de opinião entre os diversos profissionais envolvidos no ensino é que se poderão esperar resultados positivos.

Portanto, é fundamental que o ensino mostre ao aluno em formação a importância da correlação entre as disciplinas, conteúdos e experiências, fazendo-o entender que estas não podem acontecer isoladamente e sem relação entre teoria e prática, o que poderá conduzir a novas idéias e soluções.

## CONCLUSÃO

Apontar as possíveis distorções no complexo processo de formação de arquitetos não seria um desafio tão árduo se nos limitássemos somente ao universo das discussões profissionais, o que já possibilitaria entusiásticos debates. No entanto, toda a formação está intrinsecamente ligada à sociedade e à estrutura organizacional - pedagógica e institucional - dos cursos de arquitetura.

Acompanhando todo o processo, desde a entrada do pretendente arquiteto na escola, verificamos a total falta de maturidade em relação à certeza da profissão escolhida, assim como a existência de uma postura pessoal. Para dirimir tal situação, o papel da sociedade é fundamental. Para as instituições de ensino, já não bastam as provas específicas de aptidão, mas também é necessário esclarecer junto às estruturas anteriores de formação o verdadeiro conteúdo da profissão.

Discussões específicas da arquitetura - ou do ensino exageradamente teórico ou totalmente pragmático - não objetivam a uma solução, sem antes se fazer uma reflexão sobre as transformações constantes pelas quais passa a sociedade, sem ainda deixar a preocupação incessante com o futuro da arquitetura e seu desenvolvimento para o aprimoramento profissional.

Infelizmente, toda a estrutura está voltada a um ensino onde o aluno é preparado por um modelo educacional acéfalo, com interesses escusos, somando-se à



imaturidade e irresponsabilidade de vários indivíduos. Desta forma, a obtenção de seu diploma é somente uma questão de tempo.

Os professores estão desmotivados principalmente pelo não- incentivo moral, estrutural e financeiro, numa posição comodista, imparcial e efêmera. Para a administração de uma instituição de ensino, docentes e alunos estarão sempre à disposição.

Perante todos estes aspectos fica inconcebível uma discussão da formação do arquiteto sem abarcar toda esta estrutura existente, pois enquanto alunos, professores e administradores do ensino não se dispuserem a encontrar alternativas de melhoria com profunda reflexão será inócua a busca de soluções corporativistas.

Num sentido inverso, resumidamente poderíamos vislumbrar um caminho: com uma seleção mais competitiva para ingressar no curso; bons profissionais formados e reconhecidos pela sociedade e pela classe profissional; professores dedicados e satisfeitos não somente financeiramente, mas pelo fato de eles fazem parte de uma respeitada instituição de ensino; uma administração que não precise se preocupar com o preenchimento de suas vagas no curso e que volte seus interesses na aplicação dos recursos sem hipocrisias no aprimoramento de sua estrutura; assim é que teremos, como consequência, o resgate do verdadeiro papel das universidades e faculdades para a pesquisa e melhoria da produção científica e cultural da sociedade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABEA - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESCOLAS DE ARQUITETURA. **Subsídios para a reformulação do ensino da arquitetura.** 1977
- COMAS, C. E. **Projeto arquitetônico: disciplina em crise, disciplina em renovação.** São Paulo: Projeto, 1986.
- COSTA, M. E. O vorto é ser. In: **REVISTA AU**, São Paulo, n. 38, out./nov., 1991.
- GOLDEMBERG, J. B. **Arquitetura: espaço-vida.** Rio de Janeiro: Salamandra, 1978.
- GRAMSCI, A. **A concepção dialética da história.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- NIEMEYER, O. **A forma na arquitetura.** Rio de Janeiro: Avenir, 1978.
- SABBAG, H. Y. Sem surpresas. In: **REVISTA AU**, São Paulo, n. 39, dez., 1991.
- STROETER, J. R. **Arquitetura & Teorias.** São Paulo: Nobel, 1986.